

20
O TEMPO DO MODO Nº 36
PROVAS ENVIADAS A CENSURA
1966

25

de 1º maio

mesma irmandade, o capelão padre Amaral Silveira, e muitas outras individualidades.

Dentro do templo, o Presidente da República recebeu os cumprimentos dos ministros da Saúde e do Exército, subsecretário desta pasta, presidente do Município da capital e Chefe do Estado-Maior da Armada, e individualidades que estavam acompanhadas de vários oficiais-generais dos três ramos das Forças Armadas.

O Primeiro de Janeiro, 21-4-1966

INVESTIMENTOS DIVINOS OU DE PRIMEIRA NECESSIDADE

ANGRA DO HEROÍSMO, 24 — *(do nosso Correspondente Especial)* — O núncio apostólico em Lisboa é esperado, nesta cidade, no dia 6 de Maio, para assistir na ilha de São Miguel às festas de Santo Cristo e à inauguração do novo Colégio-Seminário, instalado num grandioso edifício cuja construção, propositadamente para esse fim, orçou pelos 14 500 contos.

O Primeiro de Janeiro, 25-4-1966

EMIGRANTES BEM INFORMADOS OU A COMUNIDADE DE IDEIAS

Depois de recordar a visita que efectuara a Portugal, há quatro anos, o ministro sul-africano declarou aos representantes dos órgãos de informação: «O propósito da minha vinda agora é o de visitar os serviços de emigração do meu país aqui instalados e analisar, simultaneamente, os projectos que existem para uma maior expansão dos nossos programas de emigração em relação a Portugal. Durante a minha permanência em Lisboa é possível que tenha conversações de nível oficial com alguns membros do Governo português». O sr. Trollip permanecerá em Lisboa até amanhã.

O Primeiro de Janeiro, 18-4-1966



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Ref 3

213

**O turismo contra os «slogans»
ou se não se vir não se acredita**

«Por isso o turismo tem um grande valor político.

«Os que cá vierem passarão a conhecer-nos, e todos os de boa fé passarão a apreciar-nos melhor.

«A ordem nas ruas e nos espíritos, o desenvolvimento do nosso país e a hospitalidade da nossa gente dão a quem nos visita testemunho da verdade. Muitos deles passarão a ser normalmente elementos imunizados contra os «slogans» corrosivos com que, sem verdade e de má fé, nos atacam no estrangeiro.»

«O Primeiro de Janeiro», deputado Virgílio Cruz, 28-1-66.



O entusiástico trabalho e o seu maior prémio

A Cidla vai homenagear funcionários com dez anos de serviço

(...) «Assistem todos os empregados daquela grande companhia portuguesa, que estão ao serviço desde a fundação, e ainda os que completam 15 e 20 anos de entusiástica actividade. Haverá prémios e emblemas para cada um, como é usual, mas o maior prémio será, sem dúvida, a consagração e o grato reconhecimento, pela sua administração, das qualidades e dos esforços que contribuíram para a expansão e engrandecimento da Cidla.»

«O Primeiro de Janeiro», 29-1-66.

Criminoso nato, caso típico do furto por maldade...

No 1.º Juízo Correccional e pelo juiz

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

214

Provas enviadas à Censura em

15 de 3 de 195...6

Ref 3

sr. dr. Manuel Monterosso, foi julgado Albino da Mota e Silva, casado, de 31 anos, trolha, do lugar de Vila Chã, Arcoselo, que na noite de 30 para 31 de Julho de 1965 assaltou um talho pertencente ao comerciante José Francisco erreira Júnior, na Praia da Aguda, onde furtou 132\$00e carne no valor de 924\$00.»



«O Primeiro de Janeiro», 2-2-66.

Os protegidos da sorte

«Toda a gente se queixa e o problema cada vez mais difícil de resolver, não se conseguindo uma colaboração íntima, de forma a haver prudência, evitando a série de dificuldades.

Há realmente factos angustiantes e nesplícáveis que merecem o nosso reparo, e geralmente de toda a gente.

Como se explica que os lavradores estejam a vender os suínos a um preço muito inferior ao do ano passado e o consumidor esteja sujeito às tabelas organizadas com o preço da carne a 340\$00 cada 15 quilos, quando o lavrador este ano já tem vendido a 260\$00?

Um quilo de chouriço de carne 43\$00, que na sua maioria é gordura, um quilo de entrecosto rapado, constituído só por ossos, 26\$00 cada quilo, ossos completamente rapados 12\$00 cada quilo.

Pergunta-se quem pode com esta carestia?...

Como completamente falamos também do peixe, em que os pobres esperam poder conseguir economizar alguma coisa e que não encontram benefícios alguns.

Apresentamos os chamados peixes para os pobres, cação a 12\$00 cada quilo, sardinha a 10\$00, pergunta-se com os ordenados que se usufruem, nem cação, nem sardinha os pobres podem comer, ficam indiferentes ao espectáculo que lhe exige limitações e restrições.

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

«O TEMPO E O MODO» N.º 3.6

Provas enviadas à Censura em

15 de 3 de 1966

Ref 3



Aparece depois a época da caça que de nada serve para economia do povo, lebres, lebrões a 30\$00 e 40\$00, coelhos 18\$00 e 20\$00, perdizes 18\$00 e 20\$00, agora os pombinhos a 12\$00 e 15\$00.

Recentemente aparece o pão dos pobres, que é a batata, com o dobro do preço, antes 1\$70, agora 3\$50.

Então esse figurão do queijo grande afastou-se completamente dos pobres, porque está entre os 40\$00 a 50\$00 cada quilo.

Como se pode conseguir um equilíbrio se os ordenados dos trabalhadores na sua maioria estão dentro do escalão de 20\$00 a 30\$00 diários?

Com estes preços só os protegidos da sorte podem resolver o problema. — *Um Consumidor.*

«O Eco de Estremoz», 30-1-1966.

Os anormais e a normalidade

Não há sequestro no caso do epiléptico de Freixial (Trancoso)

«FREIXIAL, 23 — Ao contrário do que chegou a ser noticiado, não se confirma a existência de sequestro no caso do indivíduo de nome José Maria, de 30 anos, que reside com sua mãe Maria dos Prazeres, ou Maria Descalça, nesta localidade. Trata-se, de facto de um débil mental sujeito a constantes e violentos ataques epilépticos, que, por essa razão vive em circunstâncias que se podem considerar anormais mas que são frequentes em casos do seu género. O enfermo dorme numa dependência anexa à pequena casa onde sua mãe reside. Mas não é verdade que a alimentação lhe seja fornecida através de uma janela. O Manuel Maria é um mocetão, forte e tem momentos normais. A mãe trata-o com carinho, as refeições toma-as na cozinha, com a sua progenitora e junto desta se aquece, à mesma lareira, nos dias em que o frio mais aperta.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

mente inaugurada, acerca da juventude e o livro, o dr. Marques Teixeira referiu alguns dos apelos e legendas expostas no certame e disse: «À luz meridiana do alto sentido das verdades contidas nos pensamentos transcritos é palpável o apelo ansioso, a solene advertência, o aviso esclarecido e esclarecedor dirigidos à mentalidade e à atenção dos pais, dos educadores e os jovens para o que pode resultar de benéfico ou de maléfico da leitura de certos livros tanto mais que uma outra legenda nos elucida e alerta sobre a facilidade de que o editor dispõe para fazer inverter os termos: Já não é o leitor que procura o livro, é o livro que procura o leitor, saindo dos prelos de todo o mundo cerca de 1000 novos títulos por dias». Naturalmente, senhor presidente, o nosso espírito é conduzido a debruçar-se atentamente e a reflectir de modo particular sobre a delicadeza, direi mesmo, a agudeza de um problema que se reveste do mais palpitante interesse no tocante ao binómio juventude-livro.»

«O Primeiro de Janeiro, 10-2-66

Democracia e ensino ou só não estuda quem não quer

HORTA, 7 — «Aqui, na nossa cidade — revela o diário «O Telégrafo», da Horta — passa-se, actualmente, um caso digno da maior admiração e merecedor do maior estímulo. Trata-se de um estudante liceal que, para fazer face aos seus estudos, procede diariamente à distribuição de jornais. Com o dinheiro ganho ocorre ao pagamento de um explicador e adquire material escolar. E este rapaz, apesar do tempo perdido com aquele ganha-pão, nos três anos que vem frequentando o nosso liceu ainda nunca deixou de estar no quadro de honra». — A. N. I.

«O Primeiro de Janeiro», 7-2-1966



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE

| | |
|--------------|----------------|
| NOME | TEMPO EMODO |
| N.º | 8075-105 |
| ENVIADAS EM | 14 13 168 |
| RECEBIDAS EM | 1 1 |



134

36

15 de 3 de 1966

Os espectáculos do Teatro Estúdio de Lisboa — A propósito de Tomás oMre

O esforço despendido pela Companhia do Teatro Estúdio de Lisboa merece uma atenção mais cuidada do que aquela que parece ter-lhe sido, até agora, dispensada, tanto pelo público como pelas esferas responsáveis. Por isso, a ajuda que a Fundação Gulbenkian, lhe prestou não terá sido das menos bem empregadas, tal como não foi dinheiro mal colocado o subsidio ao extinto Teatro Moderno de Lisboa, para a montagem do excelente espectáculo que foi, na época passada, O Renter dos heróis. Foi pena não se ter insistido, que o T. M. L. estava a adquirir, uma bela consciéncia profissional.

Dizer-se, porém, que o T. E. L. é merecedor de atenção não quer dizer que as suas realizações sejam acontecimentos raros da encenação e da interpretação teatral. Com isso pretende-se, em primeiro lugar, reconhecer a procura da criação dum repertório próprio actual e constituído por peças de autores ignorados ou mal conhecidos do público lisboeta. Recapitulando, aparece-nos Maxwell Anderson com Joana de Lorena, Tchekov com O Pomar das Cerejeiras, Terence Rattigan com Mesas Separadas e, agora, Tomás Mora, de Robert Bolt. A parte a russa, todas eram desconhecidas em Lisboa e mesmo o Pomar das Cerejeiras, que eu me lembro, isto é, da guerra para cá, nunca fora representado em Portugal. Trata-se de autores deste século e mesmo Tchekov, cuja obra tem tido larga influência dramaturgica contemporânea, pode ser considerado um dramaturgo de hoje. Sente-se neste esforço de repertório, simpatia pelo teatro inglês mais recente e Five finger exercise, de Peter Shaffer, é anunciado como dos próximos espectáculos. Esta preocupação, que se admite ditada por uma aproximação temática e estética, de dar a conhecer uma das actuais correntes do teatro, mais dotadas de vitalidade, é, por si só, credora de apreço e estímulo. Cabe aos organismos que dão

Ref 3

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

137 #

Provas enviadas à Comissão em

15

3
Ref 3

5



Êxito da revista do Parque Mayer. Mas isso é outro assunto, que levaria longe e ficará para um dia.

Não é, na verdade, a história de Tomás More, o homem que permanece fiel a si próprio e não aliena a sua liberdade de pensamento, e por isso morre, que está em causa. Robert Bolt não pede ao espectador que se comporte como Tomás More nem faz a apologia do heroísmo. Limita-se a contar-nos que, em dado momento da sua história, a Inglaterra teve um rei que era um epicurista do poder e que esse epicurista permitiu o nascimento e florescimento de práticas abusivas, culminando com o assassinio legal dum homem de consciência livre. Ao espectador compete apenas inteirar-se disso e entender que não é da justiça deste mundo ou de Deus que assim se procede.

A Robert Bolt e aos espectadores interessa muito mais o acontecimento que foi a vida e morte de Tomás More, do que a sua pessoa. Aos intérpretes compete, portanto, contar esse acontecimento e não vivê-lo. Mas Bolt é muito limpo no seu teatro, e muito isento. É um narrador de acção não impondo, como Brecht e seus seguidores, uma interpretação bem determinada dos acontecimentos narrados. Por isso pode existir entre o público e a cena uma intimidade comunicativa (e como o palco e a sala do Vasco Santana a isso se prestariam!), que apagara todo o desfazamento temporal, enquanto que Brecht necessita de recorrer à sua famosa distanciação, como recurso e desculpa para um didactismo comprometido.

Toda a peça está construída por forma a permitir que a vida de Tomás More se desenrole perante o público, com limpidez e fluência. A montagem cénica, com uma escada e uma varanda a envolver o lugar da representação, ideia genial do decorador inglês Motley, na encenação de Noel Willman para o Globe Theatre, de Londres, em 1960, e que o T.E.L. muito inteligentemente respeitou, permite acentuar o carácter narrativo da peça, introduzindo as personagens como numa passagem de modelos, isto é, à

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

138 B

O TEMPO E O MODO: N.º 36
Provas enviadas à Censura em
15 de 3 de 1966

Ref 3



mercê da admiração do público e exigindo a sua crítica.

É pena que, pelo facto de a interpretação ser convencional e portanto desadequada, como se infere do que se disse, a reflexão do espectador seja solicitada por questões de ordem técnica (a própria interpretação) e não para os problemas que o autor lhe propõe e que toda a encenação deveria clarificar.

Estes defeitos apontados, e que parecem merecedores de aturada meditação, embora correntes nos palcos portugueses, não subsistem unicamente entre nós. Exemplo flagrante foi o espectáculo dado por uma companhia francesa, no cinema S. Luís, com O Dossier Oppenheimer, um texto de Jean Vilar, sobre uma montagem cénica do alemão Heiner Kipphardt e as minutas da Comissão de Segurança da Energia Atómica, publicadas pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos da América. Também aqui, não é a personagem do cientista Oppenheimer que está em causa, que aliás tem pouco de dramático (no sentido cénico), mas sim o acontecimento que foi o caso Oppenheimer. O actor francês que interpretava o cientista sabia de cor todas as réplicas, como convém a um profissional consciencioso, e tinha até algum poder de convicção humana. Mas esqueceu-se que o silêncio, tão excelentemente utilizado por Jean Vilar, era a forma mais teatral, portanto mais adequada e eficaz, de protestar contra a violação das consciências, de que os casos de Tomás More e Robert Oppenheimer são dois exemplos na história dos homens.

JOSÉ DOMINGOS MORAIS

¹ In John Russel Taylor, *British Drama of the Fifties*, World Theatre, vol. XI, n.º 3, Outono 1962, pág. 249.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



| | |
|------------------------|--------------|
| GRÁFICA SANTELMO, LDA. | |
| NOME | TEMPO E MODO |
| N.º | 8075 - 1.º |
| ENVIADAS EM | 15/3/66 |
| RECEBIDAS EM | / / |

98
217

«O TEMPO E O MODO» N.º 36
Provas enviadas à Censura em
15 de 3 de 1966

RECEBEMOS...

O número de Fevereiro de *Seara Nova*. Traz artigos de C. Torre de Assunção, Maria Isabel Pereira, Eduardo Guerra, Ferreira Ribeiro, Nuno Brederode dos Santos, etc. Sobre outros interessantes: «Notas Sobre a Evolução da Economia Nacional», de E. Guerra e «Depois do Concílio», de N. B. Santos.

O número de Fevereiro de *Projet, Revue de l'Action Populaire, Nouvelle Série*. Nele gostámos especialmente de: «Présence du Tiers Monde à Vatican II», de Jean- Yves Calvez; «Ou en est le développement?», de Jean Darmor; e de «Explication Politique du Brésil», de Octávio Cintra.

O número de Fevereiro de *Rumo*. Inclui artigos de José Miguel Langlois, J. Soares Botelho, Manuel L. Rodrigues, Alípio Sande-Maia, etc. O último mencionado sobre «Democracia e Universidade no Brasil» contém algumas curiosas opiniões sobre o que seja democracia.

O número 50, referente a Outubro-Dezembro de *Itinerarium*. Traz colaboração de António Montes, F. Félix Lopes, Dias Palmeira, M. Silva, Pereira de Faria e Luís Marques. Dos temas abordados, destacamos: «Realidades e Perspectivas do Movimento Ecuménico» e «Teologia Moral em renovação».

O número 27, referente a Janeiro de 1966, do *Bulletin des Amis d'E. Mounier*. Contém nele um interessante depoimento de Georges Ngango, «Actualité Africaine de la Pensée de Mounier».

O número 13-14, referente a Novembro-Dezembro de 1965, da revista italiana *Note di Cultura*. O número é inteiramente dedicado ao problema da guerra do Vietnam.

O número 12, referente a Outubro de 1965, da revista *Análise Social*, órgão do Gabinete de Investigações Sociais. A leitura desta publicação é absolutamente indispensável a quem se interesse pela realidade nacional. Destacamos no número 12 o artigo de Mário Cardoso dos Santos, «Estrutura e evolução da população activa em Portugal».



SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

| | |
|------------------------|--------------|
| GRAFICA SANTELMO, LDA. | |
| NOME | TEMPO E MODO |
| N.º | 8075 - 1.00 |
| ENVIADAS EM | 15/3/66 |
| RECEBIDAS EM | 1 1 |

«O TEMPO E O MODO» N.º 36

enviadas à Censura em

Ref 3
3

6



SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

RECEBEMOS

O primeiro número do *Boletim Mensal* do Banco Nacional de Fomento.

O número 107 da revista *Rumo*. Artigos dentro da costumeira linha desta publicação.

número 1443 da *Seara Nova*, referente a Março. Artigos de A. Costa Dias, divertida execução de um analfabeto chamado Costa Brochado; de José Esteves «*A Promoção Desportiva e a Promoção Sociais*»; de Nuno Brederode Santos «*Depois do Concílio - II*»; etc. De sublinhar o meritório deslazer de alguns mitos contemporâneos na secção «Perguntas sobre o Ocidente Industrial», que *O Tempo e o Modo* calorosamente aprova e, por isso, permitimo-nos lembrar o editorial do nosso número 20/21, Outubro-Novembro de 1964.

O número 1 do volume IV, referente ao Autono de 1965, da revista *Minerva*. Dedicase ela às relações entre ciência e governo no mundo moderno. Escusado será dizer que a sua leitura é importante.

O número 36, Dezembro de 1965, da revista *Colóquio*. Colaboração de Manuel Mendes, Virgílio Ferreira, Manuel Bandeira e outros.

O número 35, referente a Janeiro de 1966, de C. T. N., órgão do «*Centre d'Étude des Conséquences Générales des grandes Techniques Nouvelles*».

O número do Inverno de 1966, da revista americana trimestral *Partisan Review*. Destacamos entre a colaboração inserta «*Yugoslav Report*» de Susan Santag e «*Sex and Supersen*» de Richard Kluger. Ainda, para os amadores, convém mencionar «*Situating Sartre*», um artigo de exegese crítica por Lionel Abel e Stuart Hampshire.

O número 2 do Ano II, Fevereiro de 1966, da revista *Concilium*. Artigos de J. Lécusper, A. van de Walle, C. Floristán, H. Hucke e H. Aufderbeck. O tema deste número é a Liturgia.

O número 53 de *Cuba Socialista*. Importantísimas contribuições de chefes revolucionários como Osvaldo Dorticós e Carlos Rafael Rodríguez. De ler.

99 2
104
36
«O TEMPO E O MODO» N.º 36

Provas enviadas à Comissão de Censura
15 de 3



O número 54 de *Cuba Socialista*, inteiramente A primeira conferência de solidariedade dos povos da África, Ásia e América Latina. Discursos de Osvaldo Dórticos, Osmany Cienfuegos, Fidel de Castro. Textos das resoluções aprovadas pelo congresso. Em resumo, trata-se de um documento fundamental para a compreensão do mundo contemporâneo.

O número 109 de *Rumo*, referente a Março de 1966.

O número 267, de Dezembro de 1965, da revista *Vértice*. Artigos de Óscar Lopes, José Carlos de Vasconcelos e Alberto Ferreira. Críticas de Eduardo do Prado Coelho e Helder Costa. A *Vértice* continua assim um trabalho indispensável ao progresso cultural da vida portuguesa.

O número 50, do ano XI, referente a Outubro-Dezembro, da colectânea de estudos *Itinerarium*, publicada pelos Franciscanos de Portugal.

O número 20 da revista *Igreja e Missão*, Outubro-Dezembro de 1965. Colaboração de Fr. Boaventura Kloppenburg, Maria de Lurdes Pintassilgo, Anselmo Borges, etc....

O número 1, do volume I, da II série, da revista de ciências sagradas, *Theologica*, órgão do seminário conciliar de Braga.

O número 3, referente a Março de 1966, série *Projet*, da *Revue de l'Action Populaire*. Colaboração de A. Jeannière e de A. O. Cintra que continua a sua análise da situação político-social brasileira, em «*Explication Politique du Brésil*».

Título: Heteroácido
Género: Poesia
Autor: Vasconcelos Sobral
Páginas: 71
Editor: Lux

Título: História Universal Ilustrada
Género: Ensaio
Autor: Eugene-Th. Rimli
Tradução e Notas: Vieira de Almeida
Páginas: Fascículo 45
Editor: Arcádia

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES